

# letra

o jornal do alfabetizador

# A

ISSN 1808065



9771808065041

Belo Horizonte, abril/maio de 2005 - Ano 1 - nº 1

S

PÁGINA 10

Especial: entrevista com Magda Soares

PÁGINA 3

Vale a pena corrigir erros ortográficos?

PÁGINA 6

Formação de leitores no Brasil

B

D

C



PÁGINA 4

Avaliação diagnóstica na alfabetização

Projeto: SFGIO/ALCO/Professora: Magda Soares. Ilustrações: Lucas Calmon de. Escola Estadual José Mendes Junior, em Belo Horizonte, MG.



S

Editorial

# Um jornal para alfabetizadores

**U** ANTONIO AUGUSTO BATISTA diretor do Ceale

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) tem o prazer de lançar o primeiro número do Letra A, um jornal destinado a educadores envolvidos na alfabetização e no ensino da língua escrita.

Ao lançar o Letra A, o Ceale tem três principais motivações. A primeira é de levar, bimestralmente, aos alfabetizadores, informação de qualidade a respeito da prática desses profissionais, de seus desafios, de suas conquistas. A segunda motivação é de auxiliar os docentes no desenvolvimento de sua formação continuada, seja apresentando procedimentos de estudo, de intervenção e de reflexão sobre a prática, seja fornecendo uma base inicial para incentivar e subsidiar uma formação permanente e autônoma.

A terceira motivação é, para o Ceale, a mais importante. Como defende Magda Soares, em sua entrevista ao jornal, o alfabetizador, em razão do que ensina, do momento em que ensina e da importância do que ensina para os futuros aprendizados da criança, é um professor

que se distingue dos demais: tem uma tarefa mais difícil (e mais gratificante); tem um modo de agir diferente; tem uma identidade própria, singular. Contribuir para que essa identidade se fortaleça e disponha de possibilidades para se expressar e se comunicar ao outro, este é o principal objetivo do Letra A.

O Ceale é um órgão universitário. Integra a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, congregando profissionais ligados ao ensino superior e à educação básica. Sua principal missão é a de, por meio da pesquisa e da ação educacional estreitar os laços entre o conhecimento científico, produzido na Universidade, e a prática dos educadores voltada para o letramento das crianças e dos jovens e adultos brasileiros. O Letra A é um dos instrumentos pelos quais o Ceale busca estreitar esses laços e colocar a Universidade e seu trabalho a serviço dos professores e de sua (nossa) luta por uma educação de qualidade para todos.

## Conselho de leitores

O jornal Letra A terá um Conselho de Leitores formado por alfabetizadores. Após cada publicação, serão agendadas reuniões com os interessados em analisar o jornal. Para fazer parte, basta ser professor e ter lido o último número do Letra A. A opinião dos professores é importante para aprimorarmos a qualidade de nosso veículo. Debates públicos serão realizados na Faculdade de Educação da UFMG. Se você quer participar da primeira reunião do Conselho de Leitores, ligue para (31) 3499 6211.

## Cartas e e-mails

Este espaço é dedicado à publicação de mensagens de leitores. Envie cartas e e-mails para o jornal Letra A. Dê sugestões de temas, mande perguntas, dê a sua opinião sobre as reportagens deste número.

Nosso e-mail é [letra.a@fae.ufmg.br](mailto:letra.a@fae.ufmg.br). O endereço para cartas é: Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (Ceale), Faculdade de Educação da UFMG, Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais. Cep 31270- 901.

Expediente

<b>Reitora da UFMG</b>	Ana Lúcia Gazzola Marcos Borato	<b>Diretor do Ceale</b>	Antônio Augusto Gomes Batista	<b>Editora de Jornalismo</b>	Silvia Amélia de Araújo (06029789)
<b>Vice reitor da UFMG</b>		<b>Vice diretor</b>	Maria da Graça Costa Val	<b>Projeto Gráfico</b>	Marco Severo
<b>Pró reitor de extensão</b>	Edison Corrêa	<b>Coord. de Relações Institucionais</b>	Aparecida Paiva	<b>Diagramação</b>	Augusto Cabral, Julia Elias e Marco Severo
<b>Pró reitor adjunto de extensão</b>	Maria das Dores Pimentel Nogueira	<b>Coord. do Jornal</b>	Marildes Marinho	<b>Repórteres</b>	Ana Paula Brum, Conrado Mendes, Naiara Magalhães e Fernanda Santos
<b>Diretora da FaE</b>	Ângela Imaculada de Freitas Dalben			<b>Apoio Editorial</b>	Elton Antunes, Louraidan Larsen e Paulo Bernardo Vaz
<b>Vice diretora da FaE</b>	Antônia Vitória Soares Aranha			<b>Revisão</b>	Heliana Maria Brina Brandão

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais.

Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP 31 270 901 Belo Horizonte - MG - Telefones (31) 3499 6211/ 3499 5334, Fax: (31) 3499 5335 - [www.fae.ufmg.br/ceale](http://www.fae.ufmg.br/ceale)

O tema é

# Erros ortográficos: corrigir ou não?



**MARIA BERNADETE ABAUÊRE** professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp

"Houve um momento em que uma das atividades do professor era corrigir todos os erros ortográficos dos alunos. Isso era cobrado pela escola. O pressuposto era que bastava apontar e corrigir os erros, que o aluno iria rever o que supunha ser a forma correta de escrever. O problema é que sabemos que não é assim que funciona. Você pode mandar, no estilo tradicional, que o aluno copie dez vezes cada palavra que errou. Isso não garante que ele terá fixado a forma das palavras. Algo pode ficar a partir desse exercício absolutamente mecânico de copiar o que errou, mas nada disso é muito produtivo.

Quando o professor se depara com textos que contêm muitas 'impropriedades', entra em pânico. O conselho é deixar a ansiedade de lado e trabalhar de outra forma, usando os textos das crianças para identificar os tropeços mais frequentes. Os textos são, nesse momento, material para estudo do professor, pois revelam as conclusões dos alunos sobre a escrita.

Algo interessante pode ser concluído quando essa questão é vista de outra maneira: é extraordinário o quanto os alunos acertam, quantas conclusões e propostas boas eles fazem. Porém, fomos criados na cultura da busca do erro e nossa avaliação passa mais pela quantidade de erros do que de acertos. Teríamos que mudar para melhorar a auto-estima dos alunos, porém sem complacência."



**MARIA DA GRAÇA COSTA VAL** pesquisadora do Cedele

"No início da alfabetização, escritas como *caza*, *mininu*, *aneu* são avanços a comemorar, pois revelam a compreensão da regra básica da escrita portuguesa: a correspondência entre "som" e letra. Erros como esses revelam hipóteses – inteligentes, plausíveis – formuladas pelo aprendiz sobre a grafia das palavras. É normal que ele não atine, a princípio, com todas as convenções ortográficas: os sistemas de escrita alfabética (do Português e de várias línguas) incluem irregularidades, incoerências.

Embora o princípio geral seja de que cada fonema ("som") corresponda a um grafema (letra ou conjunto de letras), há casos de um fonema ser representado por diferentes grafemas (ex.: o fonema /s/ pode ser grafado com S, C, SC, Ç, SS) e há casos de uma letra representar diferentes fonemas (a letra x pode ler lida como /cs/, /ch/, /z/). O professor deve ficar atento à escrita dos alunos, conhecer suas hipóteses, identificar suas dificuldades e definir as interferências necessárias para ajudá-los.

Algumas hipóteses equivocadas serão refeitas a partir da compreensão da regularidade existente por trás da aparente dificuldade. Por exemplo: na fala mineira, pronunciar /i/ e grafar E, quando se trata de sílaba átona em final de palavra, é uma regularidade, não é exceção (ex.: *cabide*, *tomate*, *alegre*). Noutros casos, a solução é memorizar a grafia, que só se explica por razões etimológicas complexas. Servem de exemplo as dificuldades apontadas na grafia do fonema /s/: *semente*, *cenoura*, *nascer*, *descida*, *receber*, *ressaca*."

## Dicionário da alfabetização

# Alfabetização

Historicamente, o conceito de alfabetização definia o ensino-aprendizado do sistema alfabético de escrita. Isto significa, na leitura, desenvolver a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e, na escrita, a capacidade de codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos.

A partir dos anos 80, o conceito de alfabetização foi ampliado pelas contribuições dos estudos sobre a psicogênese da língua escrita, particularmente pelos trabalhos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. De acordo com esses estudos, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziu ao domínio de corres-

pondências grafo-fonêmicas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo no qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita como um sistema de representação.

Além das contribuições da psicogênese da escrita, também as necessidades da vida social contemporânea mostraram as limitações do conceito de alfabetização compreendido apenas como o domínio das "primeiras letras". Progressivamente, o termo passou a designar o processo não apenas de ensinar e aprender as habi-

lidades de codificação e decodificação, mas também o domínio dos conhecimentos que permitem o uso dessas habilidades em práticas sociais de leitura e escrita. O termo *alfabetizado*, nesse quadro, passou a designar não apenas aquele que domina as correspondências grafo-fonêmicas, mas também aquele que utiliza esse domínio em situações sociais de uso da língua escrita. É diante dessas novas exigências que surgiu uma nova adjectivação para o termo – alfabetização *funcional* – criada com a finalidade de incorporar as habilidades de uso da leitura e da escrita e, posteriormente, a palavra *letramento*.

**ANTÔNIO AUGUSTO BARSTHA** e **CERIS RIBAS**, pesquisadores do Cedele.

Troca de idéias

# Avaliar para planejar

Sondar os conhecimentos do aluno é fundamental para o alfabetizador organizar seu trabalho

Transformar o "erro" do aluno em fonte de informação para o professor é o que pretende uma avaliação diagnóstica. Ela é importante como ponto de partida para o planejamento e a organização de atividades, sobretudo numa nova turma a alfabetizar. Uma avaliação baseada em atividades de escrita e leitura indicará ao professor as capacidades que as crianças já possuem e as que precisam desenvolver.

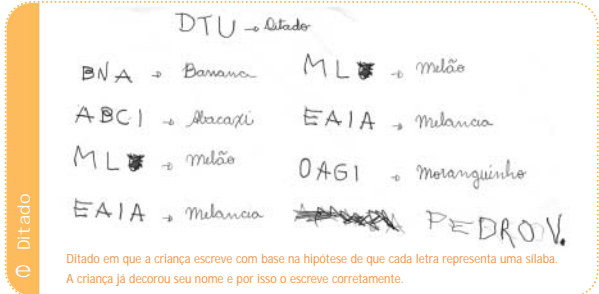
O professor pode avaliar seus alunos em conversas sobre o que eles já viram escrito, se já viram alguém lendo e o que, e sobre o que já sabem ler e escrever. O alfabetizador pode também apresentar materiais escritos como folha de cheque, livro, jornal, e perguntar qual é a função de cada um.

Para a professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, Cecília Goulart, uma reunião de pais é importante para orientar o professor sobre o mundo escrito que o aluno traz, ou seja, de onde vem, como é seu ambiente familiar, com que textos ele costuma lidar ou se em sua casa há livros. Isso é importante para que situações efetivas do uso da escrita sejam criadas em sala de aula.

"O processo de sondagem é útil para indicar ao professor em que nível a turma se encontra no que se refere à leitura e à escrita", afirma a professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco, Eliana Albuquerque. Para ela, o ditado, por exemplo, mostra com a criança estabelece as relações entre "som" e "escrita". Eliana ressalta que o alfabetizador deve realizar atividades diferenciadas com seus alunos, já que estão em diferentes níveis de aprendizado da escrita.

O professor pode criar condições favoráveis de interação com as crianças para que o diagnóstico não se dê em situações artificiais. Para isso, ele precisa monitorar o nível de desempenho e a margem de frustração que pode ocorrer em alunos em fase inicial de alfabetização, quando não conseguem demonstrar certas capacidades. Ao utilizar instrumentos de diagnóstico, é importante que o professor leia os enunciados para crianças ainda sem autonomia de leitura, confira a compreensão de elementos textuais e não textuais e adapte situações propostas às vivências das crianças.

A postura investigativa do professor é essencial no processo de avaliação do conhecimento dos alunos e um instrumento de avaliação diagnóstica só cumprirá seus objetivos se seus resultados forem analisados, comunicados e utilizados. De nada serve classificar o aluno como "adiantado" ou "atrasado". Ao analisar os resultados, o professor deve registrá-los de modo a visualizar claramente os diferentes níveis de rendimento. É muito importante que ele apresente aos alunos os registros da turma, mostre as metas alcançadas, negocie novos objetivos e comunique os resultados aos pais, dando-lhes base e incentivo para acompanhar o aluno. Além disso, o professor precisa utilizar os resultados para orientar o planejamento, propor e executar ações, na sala de aula e na escola. Com isso, ele pode mudar estratégias e procedimentos de ensino que não se mostraram adequados para buscar a resolução dos problemas encontrados pelas crianças, e, também, para avançar onde os resultados foram satisfatórios.



Ditado em que a criança escreve com base na hipótese de que cada letra representa uma sílaba. A criança já decorou seu nome e por isso o escreve corretamente.

## bbb Material propõe instrumento de avaliação diagnóstica

Uma equipe de professores e pesquisadores do Ceale desenvolveu um instrumento de avaliação diagnóstica da alfabetização. A publicação apresenta, comentados para o professor, diferentes itens e estratégias de diagnóstico. Traz ainda um encarte com questões que podem ser reproduzidas na montagem de várias atividades diagnósticas. Esse instrumento não é uma "prova", mas um subsídio para os docentes

avaliarem, controlada e sistematicamente, alunos em fase inicial de alfabetização. São observadas 18 capacidades, em três grupos: domínio do sistema de escrita; domínio da leitura e domínio da produção escrita. A avaliação diagnóstica foi aplicada, em caráter experimental, em duas escolas da rede estadual de Minas Gerais, em dezembro de 2004. Após a primeira aplicação e discussão com as professoras, o

material foi reformulado e será utilizado pela Secretaria de Educação de Minas Gerais e centros de formação de professores ligados ao Ministério da Educação. Pode ser ampliado e adaptado para outros estados que pretendam fazer parceria com o Ceale no desenvolvimento de seus programas de ensino. Em Minas, a avaliação começou a ser usada este ano em escolas estaduais e municipais.

Livro na roda

# Biografias de artistas para crianças

Três livros são uma boa pedida para introduzir os alunos no mundo das artes plásticas

Em *Aquele Gênio, o Leonardo*, o olhar de um garoto de dez anos leva os leitores mirins a conhecer Leonardo da Vinci e as características que marcaram seu gênio: criatividade, curiosidade e vontade de aprender. Frida Kahlo é apresentada por meio de uma história que mostra a força da imaginação na difícil vida dessa artista mexicana, em *Frida*. Já a narrativa da descoberta da pintura pela menina Tarsila do Amaral aproxima o público dessa artista modernista brasileira em *A Infância de Tarsila do Amaral*.

Os livros, que têm em comum a apresentação da obra e da biografia desses pintores, podem ser usados em sala de aula para a formação estética da criança. Podem também ser utilizados para despertar o desejo dos alunos pela leitura, propiciar que eles experimentem novas linguagens e explorem características de textos biográficos.

Segundo a professora da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, Sara Mourão, é preciso adequar o tipo de leitura a ser feito ao momento da alfabetização em que os livros vão ser trabalhados. A professora explica que, por terem textos maiores e que exigem conhecimentos prévios para serem compreendidos, esses livros precisam ser explorados por meio da leitura compartilhada.

Nesse tipo de leitura, "o professor entra não só como leitor, mas como informante. Ele vai ler o livro com a turma, comentando o texto, fornecendo conhecimentos sobre o artista, a época em que ele viveu, o contexto histórico e artístico em que ele se insere", comenta Sara Mourão.

Para se preparar para esse tipo de atividade, o professor deve ler as obras prevendo dificuldades que os alunos vão ter na compreensão do texto. É interessante também, segundo a professora, levar mais materiais sobre o tema, inclusive as próprias obras dos artistas, que podem não estar reproduzidas nos livros.

Na opinião de Sara Mourão, é interessante que livros com temas tão específicos estejam ligados a projetos pedagógicos. "Eu leria esse tipo de livro em sala de aula num momento em que estivesse sendo desenvolvido um projeto de arte com a turma".

## Dados dos livros

*AQUELE GÊNIO, O LEONARDO* - Guido Visconti e Bimba Landmann.  
Tradução: Marina Colasanti - Ed. Ática, 2003.

*A INFÂNCIA DE TARSILA DO AMARAL* - Carla Caruso  
Ed. Miriam Gabbal, 2004.

*FRIDA* - Jonah Winter e Ana Juan.  
Ed. Cosac & Naify, 2003.

## ..... SOBRE OS ARTISTAS:

Leonardo da Vinci nasceu em 1452, em Vinci, cidade italiana próxima a Florença. Foi cientista, artista, engenheiro e botânico. Como pintor, insere-se no contexto do Renascimento.

Frida Kahlo nasceu em 1907. É uma das mais conhecidas pintoras mexicanas. Teve a vida marcada pela poliomielite, que contraiu aos sete anos, e por um grave acidente de trânsito, aos 18 anos. Começou a pintar durante a convalescença do acidente e ficou conhecida por seus auto-retratos, que refletem os momentos de sua vida.

Tarsila do Amaral nasceu em 1886, numa fazenda no interior de São Paulo. Ficou conhecida por suas pinturas e desenhos de cores fortes e formas interessantes. Estudou e expôs trabalhos na Europa e, no Brasil, integrou-se ao movimento Modernista, da década de 1920.



## MEC promove seminários sobre rede de informação

Em abril, o MEC iniciará Seminários Regionais Articuladores, com a presença de representantes das secretarias de educação de estados e municípios de todo o Brasil e integrantes da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica. Criada pelo MEC, em 2004, a Rede é composta por universidades que abrigam centros de pesquisa e desenvolvimento da educação. O Ceale faz parte da Rede desde seu início.

Durante o primeiro ano da iniciativa, 19 centros que possuem convênio com o MEC desenvolveram

materiais para programas de formação continuada de professores e para a implantação de novas tecnologias de ensino e gestão em escolas públicas do país.

Os Seminários Articuladores têm o objetivo de divulgar esses produtos elaborados pelos centros para facilitar acordos de cooperação entre as secretarias e as universidades. O Ceale, por exemplo, com sua incorporação à Rede, obteve financiamento do Governo Federal e produziu, dentre outros materiais, um programa de formação continuada em alfabetização e letramento, um portal sobre educação na Internet e

o Letra A, este jornal que você está lendo agora.

Serão realizados Seminários Articuladores nas cidades de Cuiabá, Rio Branco, Guarulhos, Curitiba, São Luis, Belo Horizonte, Porto Alegre, Belém, Macaé e Natal. Cada encontro irá reunir também os representantes de municípios de um ou mais estados vizinhos, contemplando, assim, todo o Brasil. A expectativa é que cada evento reúna aproximadamente 350 participantes.

Em destaque

# Como fazer do Brasil um país de leitores

Temos mais de mil cidades sem biblioteca ou livraria e milhões de adultos e crianças analfabetos ou com dificuldades em compreender textos simples. O empenho em democratizar a leitura parte de vários setores da sociedade. A escola é o principal foco dessa transformação.

Fazer do Brasil "um país de leitores". Ainda estamos longe da concretização desse lema, presente em campanhas promovidas pelo governo, insituições patrocinadas por empresas e iniciativas da sociedade. Faltam bibliotecas, livrarias e educadores preparados para formar leitores apaixonados. Mas tivemos, durante o último século, grandes avanços em direção a esse objetivo, especialmente por causa da diminuição do analfabetismo e da expansão progressiva da matrícula no ensino fundamental à quase totalidade da população em idade escolar.

Até a década de 1960, o percentual de analfabetos era maior do que o de alfabetizados. E, até 1950, para ser considerado alfabetizado, bastava saber assinar o próprio nome. Vinte anos depois, o Censo apontou que a quantidade de analfabetos, que já ultrapassava 32 milhões, começava a diminuir em número absoluto. Em 2000, a taxa de analfabetismo atingiu a mesma de alfabetizados do primeiro Censo nacional, realizado em 1872, um índice por volta de 17%. No entanto, quando falamos em leitores, não nos referimos a todas as pessoas que declaramar "saber ler e escrever um bilhete simples", critério dos últimos Censos para considerar uma pessoa alfabetizada. Tivemos uma real democratização do acesso à escola, mas não à prática da leitura. Isso porque, além de ser capaz de decodificar o código escrito, é preciso muito mais para uma criança ou um adulto se inserir no mundo letrado.

## Escolarização e nível de leitura

O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf), única iniciativa de medição do alfabetismo ou do letramento da população adulta no Brasil (ver box), mostra que apenas um quarto dos brasileiros tem nível pleno de leitura, o que significa, de acordo com a pesquisa, capacidade de localizar mais de uma informação em textos longos e comparar dados presentes em diferentes textos. O resultado de 2003 indica que 8% da população pode ser classificada como analfabeta, enquanto 67% é considerada alfabetizada, mas possui dificuldades em localizar informações em textos médios e pequenos.

A escola, segundo o Inaf, tem papel fundamental no letramento dos brasileiros. É somente a partir dos oito anos de escolaridade que a maior parte da população atinge o nível pleno de leitura. Apesar disso, nem sempre há uma equivalência entre tempo de escola e nível de leitura. No grupo dos que possuem de um a três anos de estudo, apenas 1% está no nível mais alto de alfabetismo. No entanto, entre pessoas com 11 anos ou mais de estudo, isto é, que possuem ensino médio completo ou superior incompleto, 41% ainda apresentam dificuldades para ler textos maiores. Os dados mostram, assim, que a escola tem influência na formação de leitores efetivos, mas não é o único fator determinante. "O tempo de estudo não é capaz, por exemplo, de anular a forte influência da pobreza e da baixa escolaridade dos pais no nível de letramento de um indivíduo", afirma a coordenadora executiva da ONG Ação Educativa e organizadora do Inaf, Vera Masagão Ribeiro.

A professora emérita da Faculdade de Educação, Magda Soares, explica também que o desempenho ruim dos adultos no exame do Inaf poderia ser justificado, em parte, pela "estranheza" em relação à situação de teste. A pesquisadora observa que muitas pessoas podem ter atingido um nível mais alto de letramento quando estavam na escola, mas a ausência de contato com materiais escritos fora do ambiente escolar lhes fizeram "regredir" nas habilidades desenvolvidas.

## Acesso restrito

A desigualdade no acesso à língua escrita e na posse do livro obedece à mesma dinâmica de distribuição de renda do país: poucos têm muito e muitos têm pouco. O Inaf de 2001 revelou que 37% dos entrevistados possuíam menos de 10 livros em sua residência. Mesmo assim, a maioria eram livros religiosos, presentes em 87% dos lares, seguidos pelos dicionários, livros de receita de cozinha, livros didáticos, e só então os livros infantis (58%) e os literários, que estão em apenas 44% das casas dos entrevistados.

Um clichê muito repetido é que brasileiro não gosta de ler e não valoriza a prática da leitura. Segundo a pesquisa Retrato da Leitura no Brasil, publicada em 2001, essa hipótese é falsa. Aplicada em pessoas de escolaridade acima de três anos de estudo, ela indica que 78% dos entrevistados disseram apreciar o livro e 89% vêem nele um meio de transmissão de idéias.

Não basta gostar de ler ou valorizar a leitura, é preciso também ter acesso ao livro. No Brasil há um enorme déficit na quantidade de livrarias e bibliotecas. O país tem pouco mais de duas mil livrarias. Se considerarmos os 86 milhões de leitores potenciais, chegaremos a 84.400 habitantes por livraria. O ideal seria que tivéssemos cinco vezes mais pontos de venda de livros e que eles fossem distribuídos de maneira equitativa pelas regiões do país. Atualmente, 78% das livrarias se concentram nas regiões Sul e Sudeste.

O livro é também um produto caríssimo se comparado ao salário da maioria dos trabalhadores: o preço médio de uma obra é de 30 reais; esse valor equivale a mais de 10% do salário mínimo. A justificativa das editoras é baseada nas baixas tiragens que impossibilitariam a redução dos preços. Em dezembro de 2004, foi votada a Lei de Desoneração do Livro que isenta a produção e comercialização do livro de vários impostos, com o objetivo de, no prazo de três anos, diminuir em 10% o seu preço final.

Em contrapartida, será recolhido 1% sobre o que as editoras, livrarias e distribuidoras faturarem, para a manutenção do Fundo Pró-Leitura. Esse recurso será destinado a campanhas para a formação de leitores, assim como à compra de novos títulos para os acervos das bibliotecas públicas, o que deve ter consequências no aumento da tiragem e na queda dos preços dos livros no mercado. Por enquanto, segundo a Câmara Brasileira do Livro, apenas 1% da produção editorial é destinada às bibliotecas. Nos Estados Unidos esse número é de 30%.

Outra solução para a dificuldade de acesso ao livro seria a criação de um grande número de bibliotecas públicas bem equipadas. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), não existe biblioteca, mesmo que precária, em 20% dos 5.406 municípios do Brasil. Realizada em 1999, a pesquisa apontou também que 68,5%, mais de dois terços das cidades, possuem apenas uma biblioteca pública.

## Plano Nacional

Com o objetivo de zerar o número de municípios sem bibliotecas, foi criado, no início de 2004, pelo Governo Federal, o programa Fome de Livro. O projeto cresceu e deu origem ao Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). O plano tem caráter trienal e nesses primeiros três anos pretende aumentar em 50% o nível de leitura anual do país, que hoje é de 1,8 livros por pessoa. Na Colômbia, país latino-americano cujo Produto Interno Bruto (PIB), é cerca de sete vezes menor que o do Brasil, o índice de leitura é de 2,7.

O PNLL tem ainda como propósitos: instituir a Política Nacional de Livro, Leitura e Biblioteca nos próximos 20 anos; implantar duas mil bibliotecas até 2006; distribuir livros didáticos e literários para as escolas, a cada ano; promover cursos de formação de agentes mediadores de leitura; realizar campanhas de estímulo à leitura em meios de comunicação; abrir mil novos postos de venda de livros e criar financiamentos que permitam às editoras aumentar as tiragens e diminuir os preços. O PNLL envolve o trabalho de 14 ministérios e tem sede no Ministério da Cultura.

## Escola e formação de leitores

Do total de pessoas que frequentou de oito a 10 anos de estudo, 40% foram classificadas pelo teste no nível 3 de leitura, o mais alto. Apesar disso, uma significativa parcela da população estudou durante esse tempo e não desenvolveu competências de um leitor efetivo. A pior notícia é que muitas crianças que estão estudando hoje vão repetir a mesma história: chegarão ao fim do Ensino Fundamental e até do Ensino Médio sem ter se habituado às diversas práticas de leitura e escrita.

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), que, a partir de março deste ano, passou a se chamar Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb), realiza um exame do desempenho de estudantes de 4ª e 8ª séries em Português e Matemática a cada dois anos (ver box). Em 2003, uma amostra de 300 mil alunos fez o teste promovido pelo Ministério da Educação (MEC). O resultado apontou que 33% dos estudantes da 4ª série apresentam estado crítico de desempenho escolar em leitura e, 22%, muito crítico, o que significa que ainda não se alfabetizaram.

## Saeb / Aneb

O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) mudou de nome e passou a se chamar Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb). Mas sua atuação continua a mesma: coletar dados sobre o desempenho em Língua Portuguesa e Matemática de estudantes de 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio.

Desde 1990, a avaliação, de iniciativa do MEC, é aplicada a cada dois anos em escolas públicas e privadas do Brasil.

## Anresc

Neste ano, o Mec vai lançar um segundo instrumento para levantar informações sobre o desempenho das escolas urbanas de 4ª e 8ª séries, a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc). A expectativa é de que mais de cinco milhões de alunos de 43 mil escolas, desta vez somente da rede pública, sejam avaliados anualmente.

## Inaf

O Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf) é uma iniciativa da ONG Ação Educativa em parceria com o Instituto Paulo Montenegro, uma entidade sem fins lucrativos criada pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística). O objetivo do Inaf é mensurar o domínio de habilidades de leitura, escrita e cálculo numérico da população e reunir dados a respeito dos julgamentos e crenças sobre essas habilidades e práticas.

Essas habilidades são verificadas por meio da aplicação de um teste domiciliar. Ao final da avaliação, os dados são complementados pelo levantamento das opiniões dos entrevistados quanto às suas capacidades e disposições em relação à leitura e a escrita.

A escola, muitas vezes apontada como culpada pelo fracasso no letramento da população, é, segundo Magda Soares, responsável apenas por uma parcela desse processo. A leitura é desenvolvida por uma criança por meio de práticas vividas dentro e fora da sala de aula. Aquela criança que tem fácil acesso a materiais impressos em casa e convive com adultos que têm histórias para ela alfabetizar-se e torna-se um leitor naturalmente. Essa é a realidade de crianças de classe média e alta que estudam em instituições privadas desde a pré-escola e cujos pais têm o hábito de ler livros, jornais e revistas para se distrair ou se informar.

A grande maioria das crianças e jovens do Brasil vem de famílias com pouca escolaridade e letramento, quase não possui livros em casa e, muitas vezes, tem o seu primeiro contato com a escola aos sete anos. Jean Hébrard, pesquisador e Inspetor Geral da Educação na França, acredita que o ensino brasileiro deve ser capaz de atenuar as desvantagens no processo de alfabetização e letramento dessas crianças. Ele defende que o ingresso na escola deve ser feito o quanto antes e o tempo de permanência no ambiente escolar também deve ser ampliado. O pesquisador recomenda, de acordo com os Parâmetros Curriculares Franceses, que os professores leiam intensivamente livros para as crianças, ensinando-as a recontar histórias, mesmo antes de iniciar o processo de alfabetização. Isso facilitaria o conhecimento das diferenças entre a linguagem oral e a escrita e favoreceria a entrada da criança no mundo da escrita. Hébrard defende também que toda escola tenha uma ampla biblioteca que esteja aberta aos alunos constantemente, inclusive aos fins de semana. Ele justifica que "essa é uma forma de dar às crianças pobres as mesmas condições que as crianças ricas possuem para aprender". O Plano Nacional de Educação (PNE) não contempla como obrigatória a existência de biblioteca em instituições de Ensino Fundamental e Médio no Brasil. Apenas a partir do 3º grau a biblioteca aparece como obrigatória.

## Biblioteca da Escola

Em 1997, foi instituído pelo MEC o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) com o objetivo de distribuir acervos de livros de literatura e materiais diversificados às escolas públicas, apoiar projetos de capacitação e atualização de profes-

sores do ensino fundamental e programas de incentivo ao hábito da leitura. O programa desenvolveu iniciativas diversificadas a cada ano. Até 1999, o PNBE se dedicou somente à formação de acervos coletivos. De 2000 a 2003, foram desenvolvidas também ações de formação de acervo pessoal para alunos de 4ª, 5ª e 8ª séries, professores e alunos dos cursos de educação para jovens e adultos (EJA), através dos projetos *Literatura em minha casa* (4ª, 5ª e 8ª) e *Palavra da gente* (EJA).

Pelo *Literatura em minha casa*, quase 3,5 milhões de alunos da 4ª série de 124.408 escolas receberam cinco títulos entre poesia, contos, novelas, peça teatral e textos de tradição popular. Em 2004, o programa foi suspenso para avaliação. O diretor do Ceale, Antonio Augusto Batista, um dos pesquisadores que assessora o PNBE, explica que em muitas escolas as coleções não foram repassadas aos estudantes. "Alguns diretores e professores tinham receio de que os livros fossem danificados pelos alunos e por isso decidiram, por conta própria, deixar os acervos nas bibliotecas", diz. Segundo ele, outra justificativa usada pelos educadores é de que não seria justo que apenas alguns estudantes recebessem as obras.

A diretora do Departamento de Políticas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental do MEC, Jeanete Beauchamp, conta que, neste ano, o PNBE será novamente voltado apenas para a formação de acervos coletivos. Ela afirma que agora até as instituições com menos de 50 alunos, que antes não eram atendidas pelo programa, receberão acervos de livros. "Assim vamos conseguir atingir as escolas rurais e as populações indígena e quilombola", diz. Jeanete Beauchamp conta que pretende ainda realizar uma pesquisa para traçar a "trajetória do livro": de quando ele chega à escola até a utilização pelo estudante, passando pelo tratamento recebido.

Uma crítica feita a respeito dos projetos desenvolvidos por vários governos é a prioridade dada à compra e distribuição de livros em detrimento da formação de mediadores que incentivem a prática da leitura. Segundo a pesquisadora e funcionária do Mec, Cinará Dias Custódio, as iniciativas governamentais consistem-se "antes uma política do livro do que uma política de leitura". Ela considera que o professor bem formado pode reforçar a importância das práticas de leitura e do valor social dos livros com seus alunos. "Ao prescindir desse aspecto, corre-se o risco de se ter materiais de leitura – de excelente qualidade – disponíveis, mas não utilizados", alerta. Sobre a formação dos acervos, a pesquisadora concorda que, tendo que escolher o destino dos

## bbb Fundação Nacional do Livro

Criada em 1968, a *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* (FNLIJ) tem como objetivo promover a leitura e divulgar livros de qualidade para crianças e jovens. Entre diversas iniciativas, a Fundação promove o Prêmio FNLIJ - O Melhor Para Criança.

Editoras de todo o Brasil doam os primeiros exemplares de seus livros ao Centro de Documentação e Pesquisa da FNLIJ e, a partir daí, começa o trabalho de análise e seleção das obras que farão parte do Acervo Básico. Desse conjunto, dez títulos são escolhidos como "Altamente Recomendáveis" por 27 votantes de diferentes estados brasileiros. As bibliotecas no País uti-

lizam o Acervo Básico e o selo "Altamente Recomendável" como referência para adquirir novos títulos.

Outra atuação da FNLIJ relacionada à literatura infanto-juvenil é o concurso *Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura* junto a Crianças e Jovens de todo o País. Promovido desde 1994, o concurso abrange programas desenvolvidos em escolas, creches, secretarias de educação e de cultura, comunidades, universidades, fundações, empresas e centros culturais.

O Prêmio foi inspirado no concurso da IBBY (*International Board on Books for Young People*) e é o único no gênero, no País. Ano passado, foram inscritos

90 projetos de 17 estados brasileiros. O primeiro lugar foi para o "Programa Leitura e Ciência", da *Fundação Oswaldo Cruz*, no Rio de Janeiro. A FNLIJ faz parte da seleção brasileira do IBBY, uma associação internacional de Literatura Infantil e Juvenil, existente em 64 países.

Desde 1999, a Fundação promove também o Salão do Livro para Crianças e Jovens, realizado sempre na cidade do Rio de Janeiro. No salão, crianças e adolescentes têm a oportunidade de manusear livros informativos e de literatura, além de partilhar as leituras com a família e os amigos.



recursos públicos, a ênfase do PNBE deve ser voltada mais para a ampliação das bibliotecas escolares do que para a distribuição de coleções particulares para os alunos.

## Esperança

É verdade que as estatísticas ainda desanimam. A maioria dos brasileiros não tem acesso a bibliotecas, não tem condições de comprar livros e não recebeu uma formação adequada para utilizar a leitura no seu cotidiano. No entanto, mesmo com deficiências, projetos de governo e iniciativas de universidades e outras entidades, como a Fundação Nacional do Livro e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), contribuem para uma evolução na formação de leitores no país (ver boxe).

A professora da Universidade Federal de Minas Gerais, Ana Maria Galvão, vê esperança nos dados apresentados pelas pesquisas sobre leitura no Brasil. Ela lembra que o Inaf mostrou que 24% dos entrevistados com nível 2 de desempenho em leitura e escrita e 13% dos classificados no nível 3 tiveram pais analfabetos. "Esses dados, que não me parecem de maneira alguma desprezíveis, revelam, por um lado, um provável esforço do pai em encontrar estratégias para que o filho pudesse superá-lo e, por outro, o trabalho do filho para ultrapassar a geração anterior", comenta.

Além disso, as estatísticas nacionais apresentam dados sobre a média da população, deixando de lado grandes diferenças entre os municípios e regiões que podem estar significativamente pior ou melhor do que os índices de leitura do País. Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo de mais de 500 mil habitantes, possui hoje um índice de leitura – excluindo-se os livros didáticos – de 5,7 livros lidos por habitante em um ano. Número superior a muitos países, como a Inglaterra, que é de 4,9.

## Papel do Professor

O último dado estatístico desta reportagem é sobre a influência do professor no estímulo à leitura. Aos entrevistados que afirmaram gostar de ler, os pesquisadores do Inaf questionaram quais foram as pessoas que mais os influenciaram. O dado é que 37% dizem que um professor foi o maior responsável por seu gosto pela leitura, sendo que 36% indicaram a mãe e 24% o pai como seus principais incentivadores.

A professora da 3ª série da Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade, de Belo Horizonte, Zenaide Maria da Silva Salgueiro, investe na formação de seus alunos como leitores efetivos. Em sala de aula, ela realiza leituras em voz alta, de textos, utilizando músicas de fundo. "Assim as crianças despertam interesse pela história e logo querem ler sozinhas e registrar por escrito o que lêem", garante. Com a sua turma do ano passado, a professora realizou um trabalho de produção de resenhas de livros que, segundo ela, deixou seus alunos orgulhosos, pois, ao final do ano, o resultado foi exposto para toda a escola.

Zenaide Salgueiro considera que para um professor incentivar seus alunos ele "tem que ter entusiasmo e também gostar de ler". Esse mesmo ponto de vista da professora da rede estadual de Minas Gerais é adotado por uma ONG de Pernambuco. O Centro de Cultura Luiz Freire desenvolve o projeto *Rede de Educação e Leitura*, que capacita educadores-leitores de Recife, Olinda e interior do estado, incluindo áreas indígenas e quilombolas. O projeto trabalha na perspectiva de que o gosto pela leitura deve partir do professor para que seja transmitido ao aluno. Para isso, o Centro Luiz Freire baseia seus projetos na leitura de textos literários que abordam a realidade cultural e social das diferentes regiões em que vivem os professores e seus alunos.

De acordo com Socorro Barros, educadora e pedagoga da *Rede de Educação e Leitura*, essa modalidade de formação de leitores tem um papel importante por reforçar a identidade desses grupos: "A literatura fala da vida. As pessoas se confrontam ou se identificam com ela e, daí, nasce a consciência política de sua realidade", afirma. Para a educadora, além disso, a literatura tem uma dimensão fundamental por possibilitar o desenvolvimento da imaginação. A literatura traz, segundo ela, "um campo de sonhos, de novas possibilidades". Projetos desenvolvidos pelo Centro junto a populações marginalizadas mostram essas possibilidades. Trabalhando há alguns anos com professores e crianças de Brasília Teimosa, uma antiga área de ocupação irregular no Recife, o projeto conquistou reconhecimento nacional e internacional.

Existem pesquisas capazes de demonstrar que essas educadoras estão caminhando numa direção promissora. Com criatividade e gosto pela leitura, professores transformam crianças em leitores interessados. Esse tipo de educador efetivamente ajuda a "fazer do Brasil um país de leitores", como pretendem todos aqueles envolvidos em iniciativas de democratização do acesso ao livro e aos impressos.

## bbb Programa Nacional de Incentivo à Leitura

O *Programa Nacional de Incentivo à Leitura* (Proler) surgiu, em 1992, com o intuito de formar leitores cidadãos, ou seja, que utilizem a leitura como instrumento para o exercício da cidadania e para a participação social. Voltado não apenas às instituições de ensino, o Proler propõe, além de mudanças pedagógicas, um novo olhar da educação sobre a leitura.

Vinculado à *Fundação Biblioteca Nacional* (FBN), órgão do Ministério da Cultura, o Programa possui sede na *Casa de Leitura*, no Rio de Janeiro, que se organiza em três

Centros: o de Práticas Leitoras, o de Formação do Leitor e o de Referência e Documentação. O objetivo é promover um trabalho de articulação do Proler com parceiros de todo o país. Dentre as ações do Programa, estão a formação de promotores de leitura, principalmente professores da rede pública de ensino; a criação de ações de leitura, englobando diversas práticas leitoras; e a divulgação e disseminação em rede de informações sobre o tema. A valorização e o estímulo à criação de bibliotecas públicas também estão entre as ações do Proler.

O Programa atua em sistema de parcerias com algumas entidades como a *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*, que participou da Comissão Coordenadora do Proler de 1996 a 2002, além de universidades e secretarias de cultura e educação. O Programa é representado no País por 83 comitês regionais constituídos por estados, municípios e ONGs.

# "Nada é mais gratificante do que alfabetizar"

Em 50 anos de profissão, ela deu aulas na rede pública, lecionou para "Curso Normal", produziu diversas pesquisas, livros e coleções didáticas e, em 1998, recebeu o título de Professora Emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Magda Becker Soares é uma das maiores referências no Brasil sobre temas ligados à alfabetização e ao letramento. Ela nos recebeu em sua casa. Abriu a porta e reclamou, com bom humor, do convite para a entrevista: "Vocês não me deixam em paz". A autora de *Letramento: um tema em*

*três gêneros* disse que já está cansada de tanto falar sobre esses assuntos. Porém, logo emendou, sorrindo: "mas o tema não está esgotado de jeito nenhum. Eu é que faço demais... Mas é preciso discutir sempre." A conversa durou quase duas horas. Participaram da entrevista as pesquisadoras do Ceale, Aparecida Paiva e Marildes Marinho, e a jornalista Sílvia de Araújo.

## Existem muitas pesquisas sobre o aprendizado da escrita. Os resultados desses trabalhos chegam ao alfabetizador?

Em um País como o nosso, com tanta extensão e diversidade, é impossível dizer se esses resultados chegam "ao professor brasileiro". A certos grupos chegam, a outros, não. Seria necessário que chegassem a todos. Esse é o papel que podem cumprir instrumentos que, como este jornal, buscam atingir o maior número possível de professores...

## E o que têm revelado as pesquisas sobre o aprendizado da escrita?

Até os anos 80, as pesquisas na área de alfabetização eram, de certa forma, restritas, porque voltavam-se apenas para a questão metodológica. Toda a discussão se limitava à eficácia ou não de métodos: os analíticos, os sintéticos, o método global, o da palavrção, o da sílabação...

As pesquisas aumentaram a partir dos anos 80, como decorrência do chamado "Construtivismo", sobretudo pela influência dos estudos e pesquisas de Emilia Ferreiro e de Ana Teberosky sobre o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança. Passamos, então, a contar com um número grande de pesquisas, tomando como tema não mais o método de aprendizagem da língua escrita, mas o processo da criança na construção de conceitos sobre a língua escrita. O foco muda do "como ensinar" para o "como a criança aprende". Depois, mais no fim dos anos 80, surgem as pesquisas linguísticas: foi o momento em que os linguistas finalmente se deram conta de que alfabetização era problema deles também.

## Que contribuição as pesquisas trazem para o trabalho do alfabetizador?

Acho que ainda hoje falta integração entre as pesquisas sobre alfabetização. Cada pesquisador estuda uma faceta do ensino ou do aprendizado da língua escrita, privilegia um dos aspectos do processo. Porém, na sala de aula, na hora de a criança se alfabetizar, acontece tudo junto, todos esses aspectos estão presentes, simultaneamente. O que está faltando, para fins pedagógicos, é uma integração dos resultados das diferentes pesquisas que possibilite a tradução deles numa atuação didática, docente, capaz de orientar a criança no seu aprendizado. Talvez a falta dessa integração de resultados de pesquisas e de sua tradução em uma pedagogia da alfabetização é que explique as dificuldades que estamos enfrentando atualmente na alfabetização.

## Hoje parece que há uma crise do Construtivismo, como se a crítica o considerasse uma teoria que não deu certo...

O Construtivismo não propôs métodos, nem tinha que propor, porque sempre se afirmou como uma teoria psicológica e não como uma teoria pedagógica. Mostra como a criança aprende, não se volta explicitamente

para a questão de como o professor deve ensinar.

Foi um fenômeno – o chamado "Construtivismo" na alfabetização – que, sob um ponto de vista sociológico, mereceria ser estudado. Foi um movimento que invadiu as escolas de todo o País, e se multiplicaram os cursos para ensinar aos professores o "Construtivismo". Mas o que se ensinava a eles não era como alfabetizar a criança, era como a criança aprendia. Os métodos de alfabetização até então usados passaram a ser negados, com o argumento de que eles ignoravam o processo como a criança aprende. O que é uma verdade apenas parcial.

*"Cada pesquisador estuda uma faceta do ensino ou do aprendizado da língua escrita, privilegia um dos aspectos do processo. Porém, na sala de aula, na hora de a criança se alfabetizar, acontece tudo junto, todos esses aspectos estão presentes, simultaneamente."*



Foto: Marcos Alves

**MARCOA SOARES** considera que a principal característica de um bom alfabetizador é gostar de ensinar crianças a ler e a escrever

Costumo dizer que, antes do Construtivismo, os professores alfabetizadores tinham um método e nenhuma teoria. Eles ensinavam pelo global, pelo silábico, pelo fônico, mas as teorias que fundamentam esses métodos não eram discutidas. Eu mesma, quando formava professoras no então chamado Curso Normal, no que dizia respeito à alfabetização, discutia os métodos existentes e como é que se aplicava cada um. O Construtivismo veio negar esses métodos, mas não propôs outro método que os substituisse, trouxe uma teoria sobre a aprendizagem da língua escrita. Assim, antes se tinha um método e nenhuma teoria; depois passou-se a ter uma teoria e nenhum método. Passou-se até a considerar que adotar um método para alfabetizar era pecado mortal. Como se fosse possível ensinar qualquer coisa sem ter método...

### Alguns professores acreditam que a solução para problemas na alfabetização será a retomada do método fônico e de outros métodos utilizados no passado. O que você acha disso?

Essa ideia de retomar os métodos do passado faz parte daquela tendência tão comum, e tão enganosa, de considerar que antigamente tudo era melhor... Este recurso ao "antigamente" é sempre um caminho falso. No caso da alfabetização, é um caminho falso porque antigamente o fracasso também era grande, como continua a ser hoje. A diferença é que, antes, ele era concentrado na série considerada "de alfabetização": o aluno não ia para frente, não era aprovado enquanto não se alfabetizasse, e os índices de reprovação na primeira série eram altos. Agora, o fracasso se deslocou. Passou a se evidenciar no meio e muitas vezes até mesmo no fim do ensino fundamental: alunos que chegam às séries ou ciclos finais dessa etapa semi-alfabeti-

*"O Construtivismo não propôs métodos, nem tinha que propor, porque sempre se afirmou como uma teoria psicológica e não pedagógica. Mostra como à criança aprende, mas não se volta explicitamente para a questão de como o professor deve ensinar."*

zados ou até não alfabetizados. Assim, o argumento de que o método fônico, usado sobretudo nos anos 70, dava certo e, portanto, deve ser retomado, não se sustenta. Isso porque havia reprovação e não-aprendizagem com o método fônico, como havia também com outros métodos. Não tem sentido uma volta ao passado esquecendo ou abandonando as contribuições fundamentais do Construtivismo e das ciências linguísticas para a compreensão do processo de aprendizagem da língua escrita. Um exemplo: antes, o menino escrevia silabicamente e as professoras diziam: "ele está engolindo letra, é disléxico, é preciso encaminhar para um psicólogo;" hoje, a teoria construtivista e os princípios linguísticos evidenciam que escrever silabicamente é uma etapa normal do processo de descoberta do sistema de escrita. Fica claro como o avanço do conhecimento sobre a aprendizagem da língua escrita torna sem sentido propostas de volta ao que se fazia antigamente.

### Qual o prejuízo para a criança que aprende só pelo método fônico?

O mais adequado, pedagogicamente e até psicologicamente, é que a criança aprenda simultaneamente todas as competências e habilidades envolvidas na aquisição da língua escrita: aprenda a decodificar e codificar, isto é, aprenda as relações entre os "sons" e as letras ou grafemas, ao mesmo tempo em que aprenda a compreender textos, a construir sentido para os textos, e ainda aprenda as funções da escrita, os diferentes gêneros de textos... Se o professor ensina sequencialmente, sistematicamente, as relações fonema/grafema, como faz o método fônico, a criança acaba, sim, aprendendo a escrever e a ler, como codificação e decodificação, mas, e a compreensão? a construção de sentido? o entendimento das funções da escrita, o

*"Antes se tinha um método e nenhuma teoria; depois passou-se a ter uma teoria e nenhum método. Passou-se até a considerar que adotar um método para alfabetizar era pecado mortal... Como se fosse possível ensinar qualquer coisa sem ter métodos."*

envolvimento em práticas sociais de leitura e escrita? Isso fica adiado "para depois"; a criança aprende só a tecnologia da escrita, desligada de seus usos sociais, o que tira todo o sentido da tecnologia. Quando se reconhecem as várias facetas da escrita, não se pode

aceitar que a criança aprenda com aquele tipo de texto "O bebê baba", "Eva viu a uva"... textos que não circulam na sociedade, não fazem o menor sentido, não são um conto, uma poesia, uma parábola, são artificialmente construídos

com o único objetivo de ensinar a codificar e decodificar. Que conceito a criança constrói dos usos da língua escrita com textos como esses? A criança deve aprender a ler e a escrever interagindo com textos reais, com os diversos gêneros e portadores de texto que circulam na sociedade. Assim ela vai aprender não só as relações fonema/grafema, mas, simultaneamente, o sentido e função que tem a escrita.

### Qual é então o método de alfabetização adequado no momento atual?

Cada uma das facetas da aprendizagem da língua escrita supõe um processo cognitivo específico. Não se aprende uma convenção (a relação fonema/grafema) da mesma forma que se aprende a construir sentido de um texto, a interpretar, a compreender. Aprender os diferentes usos e funções da escrita e os diferentes gêneros de texto também demanda processos cognitivos diferenciados.

A consequência é que, no estado atual dos conhecimentos sobre a língua escrita e sua aprendizagem, não se pode falar de um método de alfabetização, mas de *métodos* de alfabetização, no plural. Assim: ler histórias ou poemas ou textos informativos para as crianças, levá-las a interpretar esses diferentes textos supõe determinados procedimentos didáticos, enquanto que tomar palavras-chave de um texto lido e trabalhá-las para, com base nelas, desenvolver a aprendizagem das relações fonema/grafema supõe outros procedimentos. São diferentes métodos, diferentes procedimentos, porque são diferentes objetos de conhecimento e, portanto, diferentes processos de aprendizagem. Por isso, hoje é preciso ter métodos de alfabetização, não um único método de alfabetização.

### O que é "consciência fonológica" e como o professor lida com essa abordagem?

Atualmente voltou-se a falar em consciência fonológica, um conceito que tinha sido, de certa forma, esquecido e até abandonado. Mas é preciso entender mais claramente esse conceito. Acho que é

importante distinguir consciência fonológica de consciência fonêmica. A percepção e compreensão das relações fonema/grafema constituem o que mais propriamente se chama consciência fonêmica, que é um dos aspectos da consciência fonológica. A consciência fonológica é a

*"Com o avanço do conhecimento sobre a aprendizagem da língua escrita, tornam-se sem sentido propostas de volta ao que se fazia antigamente."*

percepção, pela criança, de que a língua é som. Essa consciência, que a criança tem quando começa a aprender a falar, se perde com o correr do tempo. Quando falamos, emitimos sons, sílabas, fonemas, palavras: juntamos fonemas em sílabas, sílabas em palavras e palavras em sentenças, mas não prestamos atenção nesses sons, prestamos atenção no conteúdo do que estamos falando, nas idéias. O mesmo acontece quando ouvimos: prestamos atenção no sentido, não nos sons. A criança, vencida a etapa inicial de aprender a emitir os sons da fala, também passa a prestar atenção no sentido, não nos sons. Em atividades de desenvolvimento de consciência fonológica, isso fica claro, pois é frequente que as crianças, ao lhes ser solicitado que digam palavras que comecem com, por exemplo, *ma*, e se esclarece: "palavras que comecem com *ma*, como em *maçã*", elas respondem com nomes de frutas – *abacaxi, banana...* e não com palavras como *macaco, rato, machado...* Por mais que se insista com a criança, chamando a atenção para a sílaba inicial da palavra *ma*, como em *maçã*, elas respondem: "banana!", "abacaxil!" Porque não estão atentas ao aspecto sonoro, mas ao significado da palavra. É difícil levar a criança a *ouvir* a palavra e perceber que ela é som. Mas fazer com que a criança volte sua atenção para a palavra como som é importante porque, quando ela for escrever *maçã*, não vai desenhar uma maçã, vai escrever letras que representem os sons da palavra. Consciência fonológica é isto: ter consciência

de que a língua é som. Essa consciência da língua como uma cadeia sonora avança, em um momento seguinte, para a percepção da segmentação dessa cadeia em palavras, e depois para a percepção da segmentação das palavras em sílabas.

Nesse momento é que a criança começa a escrever silabicamente – uma letra para cada sílaba da palavra. A etapa seguinte é a mais difícil: perceber os fonemas que compõem a sílaba – é o que se chama *consciência fonêmica* – e registrar os fonemas – um grafema para cada fonema, porque assim é o nosso sistema alfabético. É a etapa mais difícil porque, excetuadas as vogais, os demais fonemas não têm existência material: é impossível pronunciar o /f/, o /l/, qualquer consoante, sem o apoio de uma vogal. Por isso é que a consciência fonêmica se desenvolve em interação com a aprendizagem da escrita, é um processo de mão dupla: a criança precisa ter consciência fonêmica para se apropriar do sistema alfabético da escrita, mas é também no processo de se apropriar dele que vai conquistando a consciência fonêmica.

## Qual a contribuição da linguística para a alfabetização?

Como eu disse anteriormente, até os anos 80, a linguística não se voltava para a alfabetização. Embora o método fônico, como também o silábico, o global, tenham, em tese, fundamentos linguísticos, não eram apresentados com essa fundamentação. Na verdade, eram métodos com base intuitiva, tanto assim que há erros enormes nesses métodos, sob o ponto de vista linguístico. O que é natural,

porque, repito, só muito recentemente é que as ciências linguísticas tomaram a alfabetização como objeto de estudo. Por exemplo: as cartilhas de método fônico ou método silábico começam sempre com as vogais, consideradas como sendo cinco: "A E I O U", e já aí incorrem em um erro linguístico. As vogais não são cinco, são mais que o dobro: há vogais abertas, fechadas, nasais – Ê, Ê, Ô, Ô, I, A, AN, EN, ON, IN, UN... Em uma cartilha recente, para trabalhar com a vogal A, o autor apresenta várias palavras que começam com A, e escolhe *avião* ao lado de *anta*: em *avião* o fonema é /a/, em *anta*, é /ã/: no primeiro caso, é o A oral, no segundo, é o A nasal. A letra -n-, em *anta*, apenas serve para nasalizar a vogal, não é um fonema, o fonema é a vogal nasal /ã/, representada por duas letras, A + N. Leva-se a criança a construir a hipótese de que cada letra representa um "som", um fonema, ao mesmo tempo que se quer que ela aprenda as supostas cinco vogais... apresentando-as sempre com apenas o "som" oral... E aí aparece uma palavra com um N, que não representa som, só serve para tornar o A nasal, como em *anta*, *canta*, *janta*. O A de *avião* e o A de *anta* não são a mesma vogal, são duas vogais diferentes. Esse exemplo mostra que os aspectos linguísticos são fundamentais na alfabetização.

**Você disse antes que é importante que a criança aprenda a construir sentido para o texto escrito e que isso pode ser alcançado quando se coloca essa criança em contato com diferentes gêneros textuais. A maioria das escolas públicas não tem acesso a uma ampla diversidade de textos. Você acha que um livro didático pode suprir essa falta?**

Acho que o livro didático pode cumprir essa função, sim. Mas é preciso considerar que o livro didático sempre *didatiza* o real, ele é, inevitavelmente, uma escolarização do real. Uma coisa é você passar

por uma avenida e ver e ler um *outdoor*: outra coisa é ver e ler esse mesmo *outdoor* na página de um livro didático. Entretanto, se o livro didático apresenta a foto de um *outdoor*, ele possibilita levar a criança a discutir o gênero publicidade e sua função, com perguntas como:

"Por que escolheram essa figura para fazer propaganda de *Coca-Cola*? por que essa moça bonita de biquíni? o que isso tem a ver com *Coca-Cola*?" E, para aproveitar esse exemplo para mostrar a possibilidade de integração das várias dimensões da aprendizagem da língua escrita, um *outdoor* como esse mencionado permitiria tomar a palavra *Coca-Cola* para trabalhar as relações fonema/grafema: aliás, *Coca-Cola* é uma palavra ótima para isso, pela correspondência biunívoca entre fonemas e letras, e ainda pela repetição das sílabas... O livro didático pode representar o portador, e pode dar sugestões ao professor para explorar o gênero, o texto, e pode propor atividades com gênero, texto e palavras que nele apareçam. Naturalmente, é importante que também os portadores, textos e gêneros reais estejam presentes na sala de aula - livros, jornais, revistas, cartazes, anúncios...

Isso leva a considerações sobre a afirmação, presente na pergunta, de que a maioria das escolas públicas não tem acesso a uma ampla diversidade de textos. Não concordo inteiramente com isso. A escola pode até não ter uma biblioteca ou ter uma biblioteca precária, e é lamentável que isso ocorra, mas material escrito, nesta sociedade grafocêntrica que é a nossa, é coisa muito fácil de conseguir. É fácil conseguir jornais, revistas, propagandas de supermercado... Uma professora pode, por exemplo, pedir a esses meninos que ficam em sinais de trânsito distribuindo panfletos um monte daqueles papéis, e levar para a sala de aula, perguntar às crianças o que elas acham que está escrito ali, por que e para que aqueles papéis estavam sendo distribuídos... Pode ainda tomar uma ou outra palavra do panfleto para trabalhar o sistema de escrita.

**Em cursos para professores nas universidades, os alfabetizadores chegam com a expectativa de encontrar uma "receita"...**

Eu acho que os professores têm razão quando querem saber "o que fazer". A nossa posição, na academia, é relativamente confortável, porque desenvolvemos pesquisas e discutimos teorias... Mas o alfabetizador se vê na sala de aula com 30, 40 crianças em sua frente, e

*"O alfabetizador se vê na sala de aula com 30, 40 crianças em sua frente, e tem de fazer com que essas crianças aprendam a ler e a escrever. A etapa da alfabetização é a mais desafiadora do ensino."*

*"Com Geografia, com História, é também assim: uns aprendem mais, outros menos... Já com a alfabetização é diferente, porque, ao final do ano, é preto no branco: a criança está ou não está alfabetizada."*

tem de fazer com que essas crianças aprendam a ler e a escrever. A etapa da alfabetização é a mais desafiadora do ensino. Porque, quando se é professor de Português, depois que a criança já aprendeu a ler e a escrever, os resultados perseguidos e mesmo os obtidos são mais imprecisos: há alunos que interpretam melhor, outros têm mais dificuldade... Com Geografia, com História, é também assim: uns aprendem mais, outros menos... Já com a alfabetização é diferente, porque, ao final do ano, é preto no branco: a criança está ou não está alfabetizada. Por isso, entre os professores, a alfabetizadora é a mais claramente avaliada: ou alfabetizou ou não alfabetizou. Ela enfrenta a pergunta: "Quantos alfabetizados você já tem na sua sala?" Implicitamente: quantos alunos você já alfabetizou? Ela mesma diz frases como: "Estou chegando ao fim do ano com as crianças quase todas alfabetizadas". Uma fala que jamais se ouve de professor de qualquer outra disciplina.

### **E o que seria o mínimo que um alfabetizador deve aprender em sua formação?**

Um alfabetizador precisa conhecer os diferentes componentes do processo de alfabetização e do processo de letramento. Conhecer esses processos exige conhecer, por exemplo, as práticas e usos sociais da língua escrita, os fundamentos do nosso sistema de escrita, as relações fonema/grafema que regem o nosso sistema alfabético, as convenções ortográficas... exige ainda a apropriação dos conceitos de texto, de gêneros textuais... Mas, além de conhecer o objeto da aprendizagem, seus componentes linguísticos, sociais, culturais, o alfabetizador precisa também saber como é que a criança se apropria desse objeto, ter uma resposta para a pergunta: "como é que se aprende a ler e a escrever? a ler e produzir textos de diferentes gêneros?" Isso significa conhecer o processo de compreensão e produção de texto escrito, o processo de construção de sentido para um texto, o processo de desenvolvimento da fluência na leitura, os processos de aquisição e desenvolvimento de vocabulário, de que dependem a compreensão e a construção de sentido... O alfabetizador tem de conhecer o objeto da aprendizagem e também o processo pelo qual se aprende esse objeto, a *língua escrita*. Infelizmente esses conhecimentos ainda não entraram na formação dos alfabetizadores.

### **Você fez uma pesquisa sobre qual seria o denominador comum entre professores de sucesso. Você chegou à conclusão de que os professores bem sucedidos eram aqueles que gostavam de alfabetizar...**

Uma análise de várias pesquisas que tiveram por objetivo caracterizar a alfabetizadora bem sucedida mostrou que essas professoras

usavam métodos os mais diversos, tinham diferentes níveis de formação, algumas com curso superior, curso de pós-graduação, outras apenas com formação em nível médio; também as idades eram as mais diversas, algumas muito jovens, outras bem mais idosas. No entanto, havia uma característica que era comum a todas: todas gostavam de alfabetizar, gostavam das crianças, acreditavam que as crianças eram capazes de aprender, se empenhavam ao máximo para que elas aprendessem. E uma conclusão que merece reflexão...

### **Nas escolas as professoras consideram um "castigo" alfabetizar? Elas fogem das turmas iniciais?**

É verdade que, em geral, as professoras evitam as turmas de alfabetização. Muitas vezes, são as "novatinhas", como elas são chamadas nas escolas, que vão para as turmas iniciais, porque as mais antigas têm o direito de escolher primeiro, e quase sempre fogem das turmas de alfabetização. A novata vai para a alfabetização, mas não fica lá muito tempo, sai assim que chega outra "novatinha"...

É pena, porque a experiência é um fator importante na constituição de uma alfabetizadora competente. Mas é compreensível que as professoras evitem essas turmas: a alfabetização põe uma grande responsabilidade sobre a professora, é a etapa em que os resultados do trabalho são mais evidentes, como já disse antes.

### **O que você diria para uma professora que quer e gosta de alfabetizar?**

O fundamental é mesmo gostar de alfabetizar e assumir a alfabetização como uma opção pessoal. Nas turmas de alfabetização, deveriam ficar somente professoras que gostam de alfabetizar. Embora alfabetizar tenha essa característica um pouco ameaçadora de que a professora é avaliada de forma objetiva, é também muito gratificante ter um resultado tão visível do trabalho desenvolvido. A professora recebe uma criança que olha para um livro e só vê risquinhos indecifráveis nas páginas, desenvolve o processo de alfabetização e, no fim do ano, vê a criança decodificando e compreendendo aquilo que eram risquinhos. O alfabetizador dá acesso ao maravilhoso mundo da escrita, dá acesso aos livros, à leitura, conduz a criança à conquista do instrumento que lhe abre as portas para todo o conhecimento, toda a cultura que vem sendo preservada pela escrita, ao longo de séculos. Eu não teria dúvida em afirmar que isso é muito mais gratificante do que levar um orientando a produzir uma tese de doutorado... Nada é mais gratificante, na educação, que alfabetizar uma criança.

Aula extra

# Escrevendo o Futuro

Prêmio envolve alunos e professores no aprendizado da escrita

Um concurso diferente, no qual os alunos não apenas completam entre si, mas também desenvolvem suas habilidades de escrita durante todo seu andamento. Assim é o *Prêmio Escrevendo o Futuro*, que faz parte de um programa que busca contribuir para a melhoria da qualidade da produção escrita nas escolas, bem como auxiliar na formação de professores. O programa surgiu em 2002 e é destinado a professores e alunos de 4ª e 5ª séries de escolas públicas do Brasil.

O *Prêmio* é dividido em duas etapas. Os alunos inscritos participam de oficinas realizadas em suas escolas. Os melhores textos produzidos são escolhidos e seus autores participam da segunda etapa, de caráter regional. Nessa etapa, os alunos e seus professores fazem oficinas de produção de textos. Ao longo do concurso, eles reescrevem os textos, orientados por seus professores, de acordo com o que aprendem nessas oficinas. O material utilizado com-

põe um *kit*, que as escolas recebem após realizarem sua inscrição. De acordo com a coordenadora pedagógica do programa, Sônia Madi, o grande diferencial do *Escrevendo o Futuro* é que ele não se resume ao prêmio: "a finalidade é que a escola ensine a criança a escrever os textos".

Euler Júnior Machado, de dez anos, descobriu a paixão pela poesia devido ao *Prêmio*. "Quando escrevi, eu disse: 'nossa, essa poesia está muito linda!' Ai descobri que tinha talento para as artes da poesia". Euler, que no ano passado cursava a 4ª série, foi o ganhador da etapa mineira do concurso e ficou com a segunda colocação nacional. Sua poesia, *Minha terra, minha gente*, fez uma homenagem à Folia de Reis e aos cafezais de Santo Antônio do Amparo.

*O lugar onde vivo* é o tema fixo do concurso, que é bienal e também estimula a produção de textos nos gêneros memórias e opinião. Sônia Madi acredita que



EULER JÚNIOR MACHADO descobriu a paixão pela poesia e foi o primeiro vencedor na etapa mineira do concurso

"olhar a cidade como objeto de análise constitui a cidadania". *Escrevendo o Futuro* é uma iniciativa da Fundação Itaú Social, possui coordenação do Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária) e o apoio do MEC, Canal Futura e Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação).



## A TV na sala de aula

Materiais audiovisuais podem ser excelentes recursos pedagógicos

Crianças e jovens ficam de quatro a seis horas por dia em frente ao televisor, segundo a coordenadora do Núcleo de Estudos de Mídia, Educação e Subjetividade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rosa Maria Bueno Fischer. Esse hábito faz com que grande parte do vocabulário, jogos linguísticos e outras formas de expressão desses telespectadores sejam influenciados pela linguagem rápida e sintética da TV. Por isso, trazer o material veiculado pela televisão para exploração na escola é uma questão que deve ser discutida.

Rosa Fischer, que também é doutora em Educação pela UFRGS, afirma que "hoje em dia é impossível o professor não trabalhar com os meios de comunicação na escola". Para ela, o professor deve assistir ao que as crianças vêem em casa antes de fazer a análise, em sala de aula, de narrativas televisivas. Isso faz com que o docente entre no mundo de valores aprendidos pela criança cotidianamente e, dessa forma, contribua para a formação de telespectadores com maior senso crítico.

Para o autor do livro *Como usar a televisão na sala de aula*, Marcos Napolitano, trazer a TV para a sala de aula não significa substituir a palavra escrita por imagens, mas propor uma alfabetização que estimule a reflexão crítica dos conteúdos trazidos pela televisão e incorporar parte deles como fontes de aprendizado.

O professor pode trabalhar a TV com seus alunos de diferentes maneiras. Pode usar, por exemplo, dois programas infantis feitos sob concepções diferentes, um da TV aberta e outro de TV educativa. Na discussão sobre esses programas podem ser levantados aspectos como o que ensina cada programa ou de que maneira a criança é representada nele. Além disso, é interessante perguntar às crianças se as cores ou o ritmo cansam, atrapalham ou se agradam a elas. A publicidade veiculada no programa e sua função também podem render boas análises.

Na alfabetização, apresentar jornais televisivos é ainda uma boa ideia: como os jornais apresentam textos escritos, levar a criança a "fingir" que dá notícias é uma maneira interessante de levar o aluno ao domínio de estruturas da língua escrita.

PARA REFLETIR SOBRE A TV:

**Livro:**  
*Televisão & Educação - fruir e pensar a TV*  
Autora: Rosa Maria Bueno Fischer (Editora Autêntica, 2000).

**Sites:**  
[www.brazil.com.br/observatorio](http://www.brazil.com.br/observatorio)  
Observatório da Imprensa: site criado pelo LabJor - Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp - pretende acompanhar o desempenho da mídia brasileira.

<http://tverzip.net/index.html>  
O Blog do TVER convida os internautas para um fórum permanente a respeito das programações da TV no Brasil e oferece, também, bibliografia sobre o tema televisão e educação.



Perfil

# "É de batalhas que se vive a vida"

Educadora dedica-se à formação de alfabetizadores em escola de Arinos, Minas Gerais.



**U**  
CIDA desenvolve trabalho de formação dos professores de sua escola.

Professora das séries iniciais de alfabetização há 19 anos, Maria Aparecida Rosário Oliveira deparou-se no ano passado com um desafio. Uma inflamação nos tendões da mão direita a afastou da sala de aula. Cida, como preferiu ser chamada, foi colocada na situação de ajustamento funcional, para ela um "desajustamento". Voltar a se sentir útil foi o que motivou a educadora a desenvolver estudos voltados para formação de professores, na E.E. Professor Benevides, em Arinos, noroeste de Minas Gerais.

Em setembro, a 26ª Superintendência de Ensino, em Paracatu, visitou as escolas da região, dando início à preparação dos educadores para as mudanças provocadas pelo acréscimo de um ano no ensino fundamental – projeto promovido pela Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, que determina a entrada de crianças de seis anos nas séries iniciais de alfabetização. Como instrumento de trabalho, foram distribuídos os quatro cadernos da coleção *Orientações para ciclo inicial de alfabetização*, produzido pelo Ceale em parceria com a Secretaria.

A princípio, não foi uma tarefa fácil para os docentes compreender totalmente o conteúdo dos cadernos. "Resolvemos dividir cada um deles em módulos entre os professores e marcar reuniões semanais para discuti-los", explica. Porém, quando a maioria se viu atribulada com elaboração e correção de provas, Cida assumiu o compromisso de produzir estudos com o restante do material para que o processo não se interrompesse. Esse trabalho, segundo a educadora, "despertou nos professores a vontade de estudar, diminuiu o individualismo e fez com que eles passassem a se sentir responsáveis por qualquer aluno da escola".

Foi aí que ela ficou sabendo sobre o Seminário Internacional de Alfabetização e Letramento na Infância, realizado em Brasília, no mês de dezembro do ano passado. Ela participou do encontro e, ao retornar a Arinos, sua preocupação foi compartilhar com os professores as discussões vivenciadas durante o Seminário. No mesmo mês, ela organizou uma tarde de palestras na *Professor Benevides*, da qual participaram profissionais da educação das escolas da cidade. Além do relato da experiência de Brasília, Cida promoveu debates, atividades culturais e distribuiu um material com poemas sobre alfabetização e letramento e letras das músicas *Metamorfose Ambulante* e *Tente outra vez* (um trecho da canção é título desta matéria). Ambas as músicas são de Raul Seixas, de quem Cida é fã. As canções expressam sua força de vontade de nunca se acomodar e buscar sempre fazer o melhor.

Cida avalia o progresso que essas mudanças significaram: "A gente pelega até a 4ª série pra ver se os alunos aprendem a ler mais ou menos, a fazer as quatro operações e, de repente, a sala de Araíde lá quase tudo lendo". Araíde de Souza, de quem ela fala, foi a primeira professora da escola a lecionar para crianças de seis anos, em 2004. Seus ex-alunos, hoje iniciando

a turma da 1ª série, realmente têm orgulho de mostrar que já sabem ler e escrever.

Ao falar sobre sua trajetória de Uruçuaia, cidade onde nasceu, a Arinos, onde atualmente vive, Cida relembra: "Na minha época de escola, fiz até o Normal. Meus pais achavam que no 2º grau os estudos acabavam, mas eu era muito frustrada por não ter continuado a estudar. Sempre fui muito de luta, independente das limitações que vivi na infância. Por isso, aos 33 anos comecei a cursar Pedagogia, na Faculdade do Noroeste de Minas, em Paracatu, aos fins de semana e férias. Quando fiz a matrícula, cheguei a chorar e a minha formatura também foi muito emocionante". Atualmente, a mãe de Pedro Fagner, Taiane e Daliane faz pós-graduação em Psicopedagogia, na turma que a Universidade Estadual de Montes Claros abriu em Arinos, e pretende tentar mestrado na Universidade de Brasília no final do ano.

Outro projeto da professora é o *Educar com Ação*. O objetivo é integrar escola, comunidade local e entidades como o Departamento de Estradas de Rodagem e a Câmara Municipal. "Há preocupação em ensinar capitães hereditárias para os alunos, mas não em conhecer a própria realidade. Então, nós vamos promover visitas de campo e concursos de redação para despertar nas pessoas envolvidas com o projeto o espírito de cidadania. E, também, fazer com que o bairro Crispim Santana, onde se localiza a escola, por ser carente, não fique mais isolado do resto da cidade", explica a idealizadora do projeto. Cida acredita que, com um trabalho conjunto dos professores, alunos, pais e governo, o ensino público vai melhorar. A professora colabora para essa mudança e tem satisfação em dizer: "onde estou, procuro fazer minha história".



O jornal Letra A é uma ação da Rede Nacional de Centros de Formação Continuada do Ministério da Educação.

Presidente da República: Luis Inácio Lula da Silva  
 Ministro da Educação: Tarso Genro  
 Secretário de Educação Básica: Francisco das Chagas Fernandes  
 Diretora do Departamento de Políticas da Educação Infantil e Ensino Fundamental: Jeanete Beauchamp  
 Coordenadora Geral de Política de Formação: Lydya Bechara

Ministério  
da Educação

